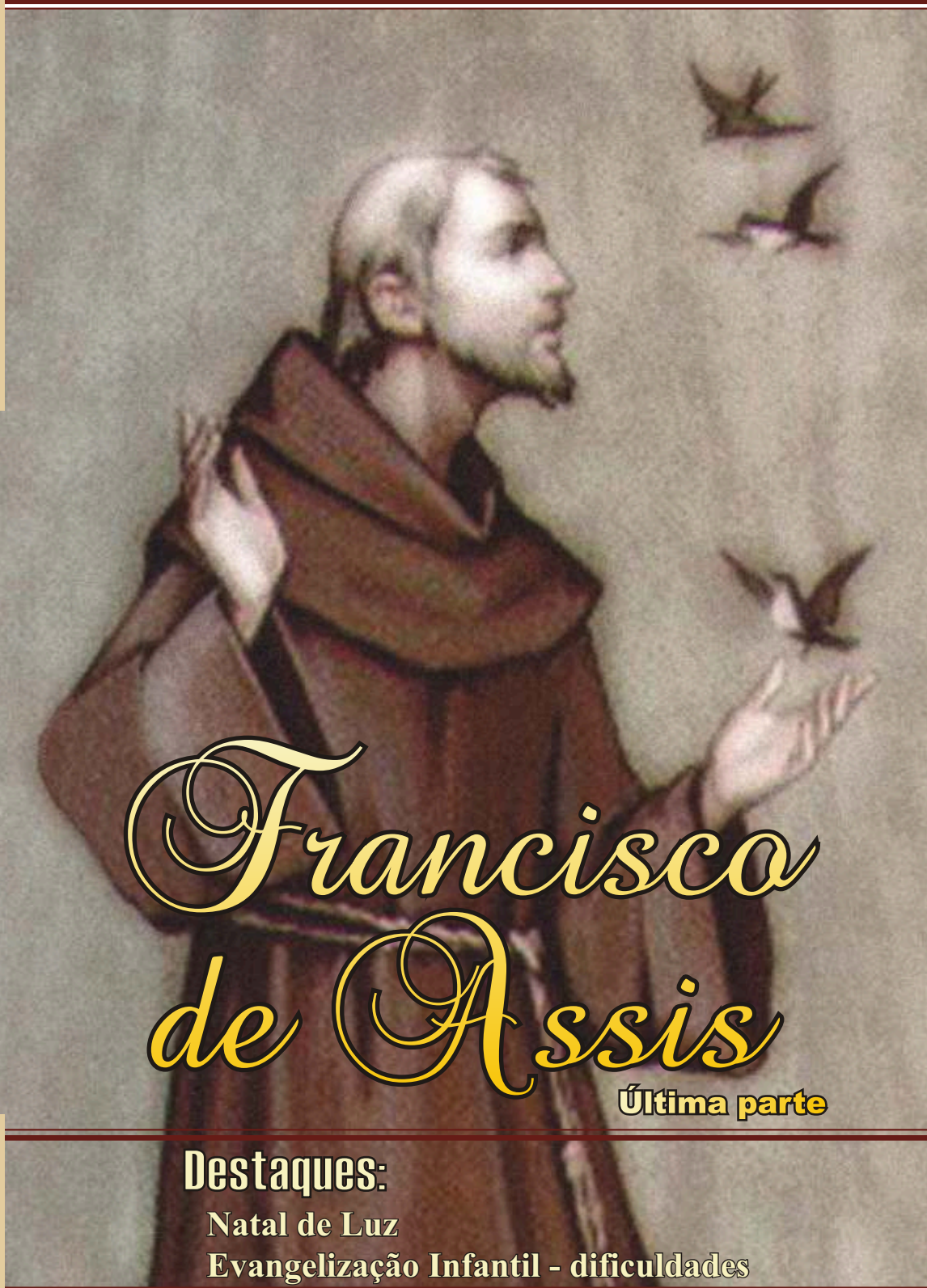


SEAREIRO

Órgão divulgador do Núcleo de Estudos Espíritas "Amor e Esperança" - Ano 7 - nº 62 - Dezembro/2006
Distribuição Gratuita



Francisco de Assis

Última parte

Destaques:

Natal de Luz

Evangelização Infantil - dificuldades

Chega ao fim o ano de 2006.

Inicia-se o ano de 2007.

Quais são as mudanças? Em nossa opinião somente o número do ano, pois vemos que o progresso espiritual tão alardeado para o 3º milênio arrasta-se mais lento que o tão falado “passo de tartaruga”.

Mas uma coisa não podemos deixar de lembrar: o tempo está passando e tempo perdido não tem retorno.

Esta situação encontra-se estagnada há séculos.

Temos oportunidade e capacidade para realizarmos boas obras, livros bons nos chegam às mãos constantemente, companheiros nos pedem ajuda,... E o que fazemos?

Deixamos de realizar boas obras para descansarmos, os livros nos dão sono e a caridade nos dá muito trabalho e acabamos não tendo tempo.

Tempo, o senhor dos nossos dias e que tanto desprezamos.

Não percamos mais tempo com a preguiça e a acomodação, ou nos colocando acima dos nossos companheiros de jornada.

Diz-nos Emmanuel: “Jesus, embora pudesse representar-se por milhões de mensageiros, escolheu vir ele próprio até nós, colocando mãos no serviço, de preferência em direção aos menos felizes.”

Usemos todos os nossos talentos oferecidos por Deus para ajudarmos os que precisam.

Agindo dessa forma, não mudaremos somente o número do ano e sim mudaremos a nós próprios.

Equipe Seareiro

**Publicação Mensal
Doutrinária-espírita**

Ano VII - nº 62 - Dezembro/2006
Órgão divulgador do Núcleo de
Estudos Espíritas Amor e Esperança
CNPJ: 03.880.975/0001-40
CCM: 39.737

Seareiro é uma publicação mensal, destinada a expandir a divulgação da doutrina espírita e manter o intercâmbio entre os interessados em âmbito mundial. Ninguém está autorizado a arrecadar materiais em nosso nome a qualquer título. Conceitos emitidos nos artigos assinados refletem a opinião de seu respectivo autor. Todas as matérias podem ser reproduzidas desde que citada a fonte.

Direção e Redação

Rua das Turmalinas, 56 / 58
Jardim Donini
Diadema - SP - Brasil
CEP: 09910-500

Endereço para correspondência

Caixa Postal 42
Diadema - SP
CEP: 09910-970
Tel: (11) 4044-5889 com Eloisa
E-mail: contato@espiritismoeluz.org.br

Conselho Editorial

Ana Daguimar de Paula Amado
Fátima Maria Gambaroni
Geni Maria da Silva
José Roberto Amado
Marcelo Russo Loures
Reinaldo Gimenez
Roberto de Menezes Patrício
Rosângela Neves de Araújo
Rosane de Sá Amado
Ruth Correia Souza Soares
Silvana S.F.X. Gimenez
Vanda Novickas
William de Paula Amado
Wilson Adolpho

Jornalista Responsável

Eliana Baptista do Norte
Mtb 27.433

Diagramação e Arte

Reinaldo Gimenez
Silvana S.F.X. Gimenez

Impressão

Van Moorsel, Andrade & Cia Ltda
Rua Souza Caldas, 343 - Brás
São Paulo - SP
CNPJ: 61.089.868/0001-02
Tel.: (11) 6764-5700

Tiragem

12.000 exemplares

INDÍCE

GRANDES PIONEIROS: Francisco de Assis - Última parte - Pág. 3

FAMÍLIA: Convivência - Pág. 12

TERCEIRA IDADE: Dever Cumprido - Pág. 13

SONHOS: É possível a visão espiritual sem o sono completo? - Pág. 13

KARDEC EM ESTUDO: Os Espíritos durante o combate - Pág. 14

LIVRO EM FOCO: Linha 200 - Pág. 15

TEMA LIVRE: Evangelização Infantil - dificuldades - Pág. 15

ATUALIDADE: Natal de Luz - Pág. 16;

Verdades Pessoais - Pág. 16

CONTOS: Lição de Vida - Pág. 17

CLUBE DO LIVRO: Lágrimas do Sol - Pág. 18

CANTINHO DO VERSO EM PROSA: O Esposo da Pobreza - Pág. 19

Francisco de Assis

Última parte

Francisco, caminhava pelas tortuosas ruas de Assis e confabulava consigo mesmo. Aqueles dias que o pai o prendera no porão da mansão lhe foram de grande valia, trouxeram segurança na sua decisão, de seguir os rastros de Jesus.

Prosseguindo com seus pensamentos de como trazer os fiéis para junto do Cristo na paz pedida pelo Mestre, viu-se Francisco defronte a uma velha igreja, outrora tão freqüentada pelo povo de Assis, a igreja de São Damião. Mas, estava praticamente abandonada, prestes a ruir.

Francisco parou e em sua meditação começou a lembrar-se das vozes que ouvia em seus devaneios, que lhe parecia ser a voz do próprio Cristo a lhe pedir:

— “Vamos Francisco, procure restaurar as igrejas que estão se distanciando dos fundamentos do Evangelho, e, ao contrário do sangue derramado pelas guerras em nome de Deus, propague a fé e a paz”.

Nesse momento, sem conseguir entender bem a esse profundo ensinamento do Cristo, Francisco toma a resolução de restaurar a pequenina igreja de São Damião, em seu aspecto material. Começa a bater de porta em porta, pedindo desde dinheiro até os materiais de construções necessários para uma obra em reforma.

Caminhava sozinho, descalço e com a única túnica que lhe fora dada pelos freis do mosteiro local.

Francisco iniciava esse roteiro novo em sua vida. Indo em busca dos recursos para fazer a igreja, ele seguia cantando lindas canções.

Entrando numa das principais avenidas da cidade, ele depara-se com uma belíssima residência. Olhando para o fundo da casa viu que vários grupos de pedras trabalhadas pareciam-lhe sem uso.

Com morosidade e procurando ver se alguém se encontrava por ali, vê que uma serva saía pelos fundos da casa. Imediatamente, bate palmas para chamar a atenção da mesma, que vêm atendê-lo.

Francisco, apresenta-se e pergunta se poderia conversar com o dono da residência. A serva meio constrangida em vendo o estado de pobreza de Francisco, tenta desculpar-se dizendo que o padre residente nessa casa era muito ocupado e ela só poderia chamá-lo em caso de emergência. Francisco ficou atônito!

— Mas como, minha filha, você não vê que seu patrão é um ministro de Deus tanto quanto eu? A diferença está em nossa parte material. Por favor, vá chamá-lo, pois se assim é, diga-lhe que a emergência é de Deus. Temos algo importante em comum.

A serva ainda embaraçada e sem entender o que a pessoa ali em sua frente dizia, adiantou:

— Sabe senhor, o padre que aqui habita é filho de uma rica família da cidade de Espoleto. Ele é o único filho e por esse motivo sempre foi tratado com muita diferença, digo

isso porque os mais renomados padres e bispos vêm a esta casa para tratarem dos assuntos de Roma. Ele estudou lá e aperfeiçoou-se na França. Procure entender porque lhe conto isso tudo. Não me leve a mal, mas estou nesta casa há muito tempo. Como vê não estou maldicendo, pois quero só poupá-lo do mau-humor do meu senhor.

Francisco entendeu bem o que a serva lhe confiara. Afinal quem era ele? Pensou em usar nessa hora, o nome dos Bernardone, mas arrependeu-se de pronto, pois estaria

dando vazão ao seu orgulho. Pois era chegada a hora de dar seu testemunho de amor a Jesus.

Nesse ínterim, o vigário, isto é, o padre dono da casa, ouvindo a conversa tão prolongada da serva com um desconhecido, veio



rapidamente para ver do que se tratava.

Francisco ao vê-lo estendeu-lhe a mão para cumprimentá-lo. A serva temendo ser repreendida, tentou impedir o ato de aproximação de Francisco, acreditando ser isso uma afronta para com seu amo. Mas, de imediato Francisco entendeu a atitude da serva e desculpando-se diz ao padre:

— Perdoe-me o incômodo, mas estou pedindo materiais de construção ou alguma ajuda em dinheiro, para reformar a igreja de São Damião. Ela está quase em ruínas e os fiéis têm medo que ela desabe e destrua os altares e os santos que são verdadeiras relíquias em arquitetura e escultura!

— Pois bem, vendo essas pedras trabalhadas aí em seu quintal e sem uso, ousei bater em sua porta e pedi-las para serem colocadas na reconstrução da nossa igreja.

O padre, fechando o semblante, responde áspero:

— Quem é o senhor, para vir a minha porta esmolando as minhas caríssimas pedras trabalhadas? E ainda pedi-las em doação? Ora, faça-me o favor de sumir daqui!! Como poderei ter a certeza que esse fato é verdadeiro? Olhando seu mísero estado e usando essa túnica tão rota e suja como poderei lhe dar crédito?

Francisco por um momento sentiu uma revolta mista de dor. Jamais pensara em ouvir tão cruéis palavras de alguém. Mas lembrando-se novamente da figura do Cristo, queda-se procurando manter calma em seus gestos. Fortalecido em seus ideais, responde:

— Senhor, sei que meu aspecto não é dos melhores. Mas para que o senhor confie em minhas intenções lhe direi que por ora estou morando no Mosteiro onde os monges, apiedando-se da minha pobreza, concederam-me uma cela em troca de trabalhos que realizarei para Jesus. E esta túnica foi-me concedida pelo bondoso Frei Leão.

Porém, o padre já ciente da situação de Francisco, prossegue no assunto:

— Está bem, vou considerar o que me conta, mas com referência às pedras, elas só serão entregues se você pagar por elas. Convenha que são peças caríssimas e fazem parte da minha casa. E há outro fator muito sério, que acredito os monges e os padres de Assis sabem muito bem, que as reformas das igrejas daqui estão a cargo das famílias da sociedade local e dos fiéis que freqüentam as igrejas. Você não acha que o povo tem de doar seus recursos? Afinal nós representamos Deus na Terra e não temos como cuidar do templo e das ovelhas, sem termos como viver, não é?

Francisco estava atônito. Ouviu tudo, porém sua voz não saía para responder ao pároco. Passado o espanto, consegue falar:

— Desculpe-me senhor, como vê sou apenas um servidor do Cristo. Nunca almejei viver do altar. Quero fazer algo útil ao semelhante. E creio que, consertando a pequena igreja de São Damião, com os recursos de quem puder ajudar, acho que Deus nos abençoará. E se o senhor padre não puder doar as pedras, faça-me um preço razoável e assim que eu conseguir a quantia, e esteja certo que eu conseguirei, virei pagar-lhe. E quanto à ajuda do povo, já tenho vários amigos que estão a ajudar-nos na reforma, Deus não nos deixa só, quando a obra não nos pertence. E acredito que neste seu templo de pedras, estas sobras não lhe farão falta.

O pároco pouco ligando às respostas firmes e claras de Francisco, acerta o preço das peças, pedindo sigilo quanto à venda das mesmas.

Francisco com a ajuda de muitas pessoas interessadas na reforma da igreja de São Damião, tão amado patrimônio de Assis, termina a obra. Tudo restaurado. Altares, paredes, teto e bancos. E o Altar-Mór, com uma bela imagem de Jesus, com os braços abertos, como que convidando a todos a orarem juntos, buscando as bênçãos de Deus. Estava muito bonita a igreja.

Francisco estava feliz! Os monges e Frei Leão, vieram participar da missa na reinauguração da mesma, realizada por Frei Rufino.

Com os muitos afazeres, Francisco não teve tempo suficiente para arrecadar o dinheiro devido ao padre, conforme o prometido.

Este, vendo os dias e meses passarem sem ter o retorno do negócio, esperou a missa e os festejos terminarem e lá foi ele atrás de Francisco.

Encontrando-o a fazer a limpeza do pequeno jardim em frente ao mosteiro, foi logo desacatando o pobre de Assis. Este, com toda humildade, escutou os desaforos disparados pelo vigário. Mas, assim que o padre parou, Francisco, tomado de energia, que talvez ele mesmo não soubesse que tinha, falou nesses termos:

— Senhor vigário, sinto muito respeito pelos vigários pelo que representam pela religião católica. Mas, diante deste acontecimento que eu refuto como inocente, não me deixa outra alternativa em defender não a mim, simples devedor, mas a sua falta de respeito para com Deus. A igreja de São Damião não é minha e nem sua. É a casa de Deus, não é assim que os senhores falam aos fiéis? Então não há débito algum. Para Deus se formos levar ao pé da letra, o senhor é que é o devedor por enganar o povo, vendendo as pedras e querendo deixar claro que foram doadas pela sua bondade! O senhor vigário pediu-me para silenciar sobre a compra? Pois segui a risca a sua vontade. Senão vejamos: as igrejas deveriam ser cuidadas pelos párocos que as dirige. É obrigação que cuidem do templo em que trabalham. Se pedem voluntários para ajudá-los por que não serem os primeiros a darem o exemplo? Veja que não é dever dos fiéis, mas sim dos chamados “ministros de Deus”.

É bom também lembrarmos da traição de Judas. Ele vendeu o Cristo por trinta dinheiros! E o que aconteceu? E em se arrependendo, compreendeu que não fora para isso que o Cristo viera.

O padre estava lívido! Pensava: como uma criatura tão ignorante lhe passava aquela lição de moral?

Baixando a cabeça sem dizer palavras, o padre sai andando rápido. Queria afastar-se para se ver livre de Francisco.

O pior para ele é que reconheceu que Francisco tinha razão. Voltou para sua mansão irritadíssimo. Fechou-se em seu quarto, talvez para meditar em tudo que ouvira.

Pouco tempo após esse acontecimento, Francisco continuando seus pedidos de porta em porta, consegue arrecadar o dinheiro que devia ao padre. E vai resgatar sua dívida.

Batendo a porta do vigário, este vem atender a porta por estar perto da mesma. Ao ver Francisco, fala-lhe energicamente:

— Você novamente? Que quer? Não preciso mais ouvir seus despropósitos.

E ia continuar quando Francisco serenamente lhe

responde:

— Perdoe-me incomodá-lo em seu repouso, nada mais quero que saldar minha dívida. Pago-lhe o devido e desculpando-me pelas grosserias que lhe falei no outro dia. Reconheço que extrapolei, mas sei que mesmo me desculpando, não agi bem diante de Deus.

Mais do que depressa o vigário pegou o dinheiro das mãos de Francisco que despediu-se tristemente do padre, que pelo visto continuava em sua usura sem se preocupar com os fiéis, criaturas humanas.

Quando o padre foi guardar o dinheiro sentiu que suas mãos queimavam e começavam a inchar e a arderem.

Começou a gritar e os servos rapidamente, assustados, vieram para ver o que se passava. Ao avistarem o padre levantando as mãos e gritando desesperadamente que estas estavam em chamas, os servos ficaram espantados pois nada viam. E o padre gritava-lhes:

— Vamos, façam alguma coisa seus paspalhos, pelo menos rezem comigo. Começaram a rezar o “Pai Nosso”, levantando as mãos para o céu, pois fosse como fosse, tinham eles muita fé em Deus e pediam socorro para o desesperado amo.

Repentinamente o padre lembrou-se do juramento que fizera com a mão sobre o Evangelho, quando ordenou-se padre, comprometendo-se a seguir os ensinamentos cristãos.

Ao lembrar esse fato, o vigário pede que de imediato um dos servos fosse buscar o pobre de Assis, o Francisco, pois assim é que ele ficara conhecido.

Ao saber do ocorrido, Francisco atende ao chamado do vigário, pois quem sabe, Deus tivesse se manifestado em seu remorso. O servo que fora buscar Francisco contava que todos estavam crentes de que ele enlouquecera. Ao que Francisco responde:

— Não meu amigo, creio que agora é que o vigário está recuperando a razão. O servo não entendeu nada, mas já estavam a adentrar a mansão.

Levado ao dormitório, Francisco espantou-se com o que via. O padre outrora tão autoritário, estava deitado no chão todo decomposto.

Quando ele viu a figura simples de Francisco, com sua túnica rota, mas com a fisionomia calma, olhando-o fixamente, gritou-lhe:

— Oh, pobre de Assis, salve-me. Veja, as minhas mãos estão inchadas e queimam. Tenho certeza que este acontecimento se deu porque Deus está a me castigar, pela minha usura e falsidade.

E sacudindo as mãos e soluçando desesperadamente, rogava para que Francisco o ajudasse. Este, apiedado em



*Vista externa e interna da Basilica de São Francisco em Assis, Itália.
Sua construção iniciou-se 2 anos após o desencarne de Francisco de Assis.*

sentindo o arrependimento nos olhos e no semblante transfigurado, diz-lhe:

— Senhor, peçamos a Deus e a seu filho Jesus, a assistência ao seu estado d'alma. O Senhor em sua misericórdia o amparará, pois nunca pune a ninguém. Os erros cometidos pelos excessos e pela vaidade é que cegam as criaturas. Mas, bendita a hora do reconhecimento e quão feliz se torna a criatura que através da dor consegue silenciar seu orgulho!

As mãos, senhor, as mãos não fazem parte do nosso corpo apenas para serem adornadas e admiradas pelos anéis que

levam em seus dedos. Repito, senhor, as mãos são parte do trabalho, que servem de instrumentos para o Bem, pois foram feitas para abençoar.

Quando Jesus chamou-me para o trabalho da reconstrução das igrejas, sem entender bem a esse apelo, pensei que fosse no sentido material; mas com vagar, notando a falta de cristandade e caridade entre os chamados “ministros de Deus”, e a distância da dor e do sofrimento que os separa do semelhante, sendo esses escolhidos pela doação rica que fazem aos cofres da igreja, entendi, senhor, que a reconstrução era do espírito da humanidade. Para que os filhos de Deus sejam tratados e acolhidos como iguais, porque o templo de cada um é o próprio coração.

Para estarmos com o Cristo, precisamos apenas ter fé e amor para com todos, seja quem for. Não existem representantes para Deus.

Todos somos capazes de crescer espiritualmente na ajuda contínua, de uns para com os outros.

À medida que Francisco falava, usando todo seu arquivo de vidas passadas, principalmente como João Evangelista, o padre sentiu-se mais tranquilo. Ao término da pregação em torno da Lei de Deus, o padre já não sentia mais as mãos queimarem e o inchaço desaparecer. Exultante, diz a Francisco:

— Veja, você operou um milagre! Estou bem! E repetia continuamente comovido.

Mas, Francisco lhe dirige a palavra seriamente:

— Eu não, meu amigo. Foi Jesus. E como ele ensinava: “Vá e não peques mais”.

O padre calou-se. Após breve pausa, levantando a cabeça diz:

— Tenho muito que aprender com você, Francisco. Suas palavras de agora e de antes fizeram-me compreender a tarefa que tenho a realizar. Começarei por fazer desta mansão um convento, ou como você achar melhor. Mas quero ser útil ao Cristo, pois em meu juramento era esse o sentido e o verdadeiro propósito. Quero trabalhar com você, irmão Francisco de Assis! Ao que este respondeu-lhe:

— Trabalhem para o Cristo, formemos aqui não um convento ou mosteiro, mas sim uma comunidade, que dará teto a muitos desprotegidos da sorte. Abraçaram-se efusivamente e, daquele dia em diante, a mansão do vigário passou a ser o “Abrigo da Paz”, acolhendo as criaturas num “Lar”, onde todos eram recebidos como irmãos.

Muito integrado na comunidade criada, que recolhia jovens e pessoas voltadas em aprender o Evangelho do Cristo, Francisco as fazia reconhecer que, em qualquer circunstância da vida, o Cristo estava presente, não impondo condições financeiras para fazer parte de um ideal de Amor ao próximo.

Mas tudo isso começou a incomodar o clero. A doação da mansão do vigário para essa finalidade de prestar moradia às pessoas desprovidas da sorte, sem ninguém se interessar pelo passado de cada uma, poderia, dizia o clero, fazer surgir muita violência! Quem poderia afirmar se não eram assassinos?

A isto Francisco respondia:

— Jesus nunca perguntou à mulher adúltera, quem a perdera. Ele jamais criticou ou apontou os erros das criaturas. Apenas as ajudava a não cometerem mais erros, mostrando e dando exemplos da rota de luz. Para Ele não havia mistérios que não pudessem ser superados, pois as trevas deixariam de existir quando o Amor fosse descoberto no coração da criatura equivocada. Não foi isso que aconteceu com o Judas? Cristo o condenou?

Não, meus amigos, Ele foi o primeiro a cuidar da alma atormentada de Judas e a cicatrizar a chaga de seu coração arrependido.

E Francisco continuava:

— Quem somos nós para julgar ou condenar alguém? Pensem, portanto, que, para representar Deus, como dizem os senhores padres, aqui na Terra, será preciso ter muita capacidade de amar, como fez nosso Mestre Jesus, como representante do Pai Celestial sobre a Terra.

Com isso, o “Pobre de Assis”, designação dada a Francisco, com todo o carinho dos humildes, tornou-se mais querido. Pessoas de todos os arredores da Itália o procuravam para sanarem o mal do espírito.

À medida que o tempo passava, a fama do “Pobre de Assis” crescia. Muitos curavam-se de suas enfermidades. Assis passou a ser conhecida pelas curas produzidas por Francisco.

Com todos esses acontecimentos, começaram os jovens e até as pessoas mais velhas a cogitarem que fosse criada uma Ordem Religiosa Franciscana. Para tanto, foram em busca do aval de Frei Leão, amigo íntimo de Francisco. Este, de bom grado, acatou a idéia, mas orientou-os de que se fazia necessária a permissão do Papa Inocêncio III, para fazer-se legítima essa ordem.

Após os acertos, a carta a ser enviada ao Papa seguia uma lista de centenas de assinaturas, para que essa Ordem fosse criada e aceita pela “Santa Madre Igreja”.

Os párcos, ao tomarem conhecimento da formação da Ordem Franciscana, imediatamente agendaram uma reunião com o Bispo de Assis. Este era favorável a Francisco, pois fora enviado por Jesus junto a Francisco para ajudá-lo em sua missão, mas não poderia negar-se a recebê-los.

Os párcos, prevendo a aquiescência do Bispo, pois sabiam da simpatia deste pelo “Pobre de Assis”, forjaram as provas maldosas com falsos testemunhos com respeito à moral de Francisco. E pediram para que Francisco provasse a sua estada no seminário, onde a educação e estudo da teologia se completam para a formação exigida pelo Vaticano e também a aprovação de sua ordenação como padre católico.

Todos sabiam que essa formação não existia na pessoa de Francisco, pois toda Assis sabia de sua vida junto à família Bernardone. Diante de tudo isso, o Bispo, embora tendo a aprovação do Mosteiro junto a Frei Leão, muito contristado, rejeitou a formação da Ordem Franciscana. Ele também fora ameaçado com calúnias junto ao Papa Inocêncio III.

Apesar de todas as pressões, Francisco continuou a fazer o que seu coração mandava. Por vezes andava quilômetros e quilômetros para orar junto com aquele renegado pela sociedade. Amparava aos doentes, socorrendo-os e muitas vezes curando-os de chagas abertas no corpo e no espírito. Nada pedia para ele, tudo o que recebia dava aos necessitados do pão do estômago e da alma.

Ninguém conseguiria ver o “Pobre de Assis” parado sem fazer nada. Quando não estava amparando os que o buscavam, estava a reformar ou restaurar as igrejas. Dizem que na época de Francisco de Assis nenhuma das igrejas ali existentes viraram ruínas. Ele sabia que o principal não era a alvenaria, mas era através delas que ele conseguia reunir as ovelhas do Cristo.

Os adeptos à formação da Ordem Franciscana não se conformavam com a negação do Bispo. Este, embora fazendo vistas grossas para que o clero não impedisse o trabalho, que ele sabia ser de grande importância para o povo, pelo carisma que Francisco tinha sobre esses, foi à procura de Frei Leão, objetivando o seu interesse em ter o “Pobre de Assis” ordenado pelo Papa Inocêncio III.

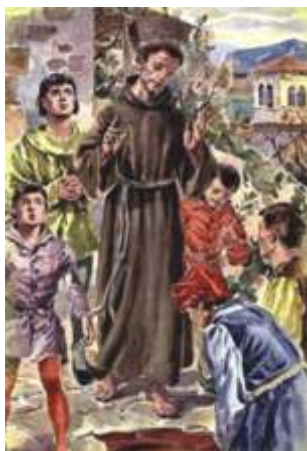
Após a conversação entre ambos, Frei Leão que, mais do que ninguém queria ver Francisco legalmente padre, foi até ele para convencê-lo a ir a Roma, pessoalmente expor seus ideais ao Papa. Com grande entusiasmo, Francisco de Assis diz a Frei Leão que há muito pensava nesse assunto. Agora que seu melhor amigo junto a tão apreciada figura do Bispo vibravam na mesma faixa mental dava-lhe mais segurança, em ir ter com sua Eminência a fim de colocá-lo a par de seus ideais cristãos.

E Francisco partiu para Roma, como sempre ajudado pelo fiel amigo Frei Leão e os adeptos de sua Ordem Religiosa.

O Papa Inocêncio III era natural da Itália, tendo governado por dezoito anos a Igreja Católica Apostólica Romana, entre os anos de 1198 a 1216.

Chegando em Roma, Francisco procurou meios até chegar até ao Papa. Com as barreiras encontradas principalmente por seu traje modesto e surrado, com sandálias maiores que seus pés, mostrando claramente não pertencerem a ele, notou ser objeto de crítica e escárnio para com os funcionários que cuidavam da entrada da cidade do Vaticano.

Barrada por diversas vezes a entrada, conseguiu finalmente ser ouvido por um dos guardas. Este, meio



desconfiado da simplicidade do “Pobre de Assis”, disse-lhe claramente:

— Meu amigo, creio que é bobagem você insistir em falar com o Papa Dom Inocêncio III. Ele é por demais ocupado. Você não está vendo quantas caravanas de vigários e eminências de cardeais e bispos que esperam para ter uma audiência com o Sumo Pontífice?

Ao ouvir a palavra “cardeais”, Francisco lembrou-se da recomendação feita por Frei Leão, que, para facilitar seu acesso ao Papa, ele procurasse pelo Cardeal João de S. Paulo (uma das reencarnações de Emmanuel) por ser este muito ligado ao Papa pela amizade feita entre ambos.

Desta forma, pedindo para ser encaminhado ao Cardeal S. Paulo, pois precisava dar uma mensagem de Frei Leão para ele, de imediato as portas do Vaticano lhe foram abertas.

Assim que Francisco entrou no suntuoso gabinete do Cardeal S. Paulo, este, em vendo a meiga e humilde figura do “Pobre de Assis”, tomou-se de simpatia por ele. Levantando-se e num ímpeto abraçou a frágil figura de Francisco. Não sabia explicar, mas lhe parecia de que há muito o conhecia.

Francisco, um tanto o quanto espantado, também simpatizara com o Cardeal. Estava ele muito constrangido em ver tanta riqueza e tanta ostentação. Compreendia mais uma vez a necessidade de trazer de retorno a figura da simplicidade do Cristo. E como ele era feliz em lembrar os relatos de sua mãezinha, em dizer-lhe que como o menino Jesus, ele também havia nascido numa manjedoura e não num berço de rendas como o senhor Bernardone queria.

Passadas as apresentações, o Cardeal S. Paulo adiantou-se em saber qual era a mensagem de Frei Leão. Francisco enrubesceu-se em contar que precisara usar o nome de seu grande amigo Frei Leão e naturalmente por recomendação deste, para poder entrar no Vaticano e se possível ter uma audiência com o Sumo Pontífice.

Colocando-o a par de seu pedido junto ao Papa, o Cardeal S. Paulo, após ouvi-lo atentamente, disse-lhe:

— Tomei-me de grande apreço a sua pessoa assim que o vi adentrar em meu gabinete. Após ouvi-lo passei a admirá-lo mais ainda. Mas, antes de levar ao Papa seu desejo sincero em se ordenar, embora leigo, saiba que tudo farei para que isso aconteça.

Peço-lhe, em meu nome, perdoar-me o local rico em que me encontro. Porém, são normas traçadas pela Cúpula Clerical de Roma.

Eu sei e entendi os seus propósitos, mas para que você alcance seu objetivo, há fatores na “Cúria Romana” que não concordarão com seu pedido, para a formação de uma Ordem Franciscana.

Por esse motivo sugiro a você que, para ter seu pedido aceito, vincule-se a uma Ordem Religiosa, já organizada, e depois com tempo, onde você e seus adeptos tiverem bens materiais constituídos, aí sim, tenho certeza que você será aceito e sua Ordem também.

Francisco sentiu uma pontada em seu coração. E pensava: como Senhor, como entender a esses que se dizem seus representantes na Terra, se para tanto seria necessário ter algo material para dar em troca de um ideal cristão?

E olhando fixamente o Cardeal,

respondeu-lhe calmamente:

— Senhor, somos adeptos do nosso Mestre Jesus. Como Ele nada temos para oferecer, nem estudo, nem preparo ou influências políticas, nem propriedades, ninguém de renome clérigo. Como Ele queremos apenas oferecer esperança, consolo e como católicos respeitar as igrejas, sem que estas ostentem riquezas, enquanto a pobreza graça o mundo.

Queremos agir como seres humanos racionais que se respeitam sem preocupar-nos com a beleza das vestes ou o porte elegante, porque se somos convidados por Jesus a participar de seu banquete de Luz, é para fazermos crescer a pureza de sua Doutrina Verdadeira. Se assim não for, senhor Cardeal, nos tornamos inúteis, indignos, pecadores e ignorantes. Pois não seremos os “Pobres de Espírito”, a quem Jesus se refere em suas verdades, no seu Evangelho.

Não será, pois, senhor Cardeal, os títulos, a ciência, o poder ou as grandes organizações religiosas, que salvarão o mundo, mas sim Deus, nosso Pai, que, pela Sua misericórdia, mostrará a todos o verdadeiro caminho da redenção que não se fará por diplomacias, mas pelo arrependimento de cada ser, de seus pecados através do perdão.

Se não nos rendermos a essa Verdade, senhor Cardeal, de que valerá a luta do Crucificado na Cruz?

O Cardeal S. Paulo levantou-se rapidamente de sua poltrona e sem nada dizer a Francisco, retirou-se, para que o “Pobre de Assis” não visse as lágrimas que corriam pelo seu rosto. Parecia-lhe que o passado remoto voltava a fazer parte daqueles que foram seus ideais cristãos de outrora!

Após recompor-se, o Cardeal retorna à presença de Francisco. Este esperava-o serenamente, pois já estava prestes a despedir-se, julgando ter sido inútil a sua vinda a Roma. Mas, para sua surpresa, ouviu dos lábios do Cardeal o seguinte:

— Francisco de Assis, caro amigo, lutarei com você, pois deu-me coragem para reagir e ajudá-lo, para que continue a propalar o Amor Cristão e simples de Jesus. Vá para a capela que fica logo aqui ao lado e reze. Irei agora mesmo ter com o Papa Inocêncio III a conversa esclarecedora, para a sua tonsura (cerimônia religiosa, na qual é concedido pelo Papa, o primeiro grau de clericalo ao candidato, precedida pelo corte de cabelo circundando a parte mais alta da cabeça) que pedirei para que possa eu mesmo ter o privilégio de fazê-lo.

Largo sorriso estampou-se nos lábios do “Pobre de Assis”. Vindo de encontro ao Cardeal, com toda humildade, beija-lhe as mãos, pedindo-lhe que perdoasse as palavras que houvera proferido, mas sentia-se aliviado por ter o Cardeal o desejo em ajudá-lo.

O Papa Inocêncio III encontrava-se em reunião com vários cardeais que pertenciam a outras localidades.

O Cardeal João S. Paulo também deveria estar presente, mas pelo encontro com Francisco, que pensara ser rápido, tardou mas foi acolhido com grande alegria por todos. Dom Inocêncio, tinha-lhe profunda admiração. Terminada a reunião, após a saída de todos, o Cardeal S. Paulo pede-lhe mais um tempo, pois tinha algo importante a dizer-lhe.

Dom Inocêncio estava curioso e o Cardeal S. Paulo expôs as idéias cristãs ao Papa. E, reforçando o pedido para que o atendesse ainda,



Papa Inocêncio III - Afrisco do século XIII.

comenta:

— Todos nós, Santo Padre, lutamos há anos seguidos pela fortificação das nossas igrejas. Pedimos em oração para que chegasse até nós um enviado de Deus para nos auxiliar a restaurar as ruínas e o abandono de muitas igrejas em lugares longínquos. Pois bem, santo Padre, esse enviado chegou. Ele é probo em seu Amor a Deus e operário do Bem em Cristo. Seu nome é Francisco de Assis.

O Papa Inocêncio ouviu o entusiasmo do Cardeal, mas pediu para que o Sagrado Colégio Cardinalício fosse avisado para que, em reunião, o assunto fosse debatido. Afinal Francisco era tido como operário do Bem, não um padre formado pela Igreja Católica.

Firmado o encontro, pois o Cardeal S. Paulo queria que Francisco soubesse logo da resposta do Papa, voltaram os cardeais para discutirem o ingresso de Francisco nas esponsalícias clericais.

Colocando os ideais e a pobreza da Ordem Franciscana em pauta, os cardeais enfureceram-se e ficaram mais bravos ainda por ver o Cardeal S. Paulo defendendo essa criatura, que julgaram petulante e grosseiro, sem reconhecer a autoridade Papal. Este tudo ouvia calado. Chegaram até a mencionar o Santo Ofício, pois achavam que Francisco de Assis, pela sua ousadia, deveria ser considerado um herege. Deveria portanto ser levado aos tribunais da Santa Inquisição.

O Cardeal S. Paulo, que a tudo ouvia calado esperando uma reação do Papa em sua defesa, em vendo que isso não acontecia, levantou-se e explosivo falou:

— Que tristeza sinto em ver meus irmãos em Cristo, julgarem tão friamente uma nobre criatura, sem mesmo quererem conhecê-la e sem que esta aqui esteja para poder defender-se. Pergunto aos Eminentíssimos cardeais aqui presentes:

— A que veio essa pobre criatura, também filho de Deus, pedir a não ser que se faça cumprir ao pé da letra e por inteiro, se possível, o Evangelho do Senhor Jesus? Se isso for impraticável, caros irmãos, teremos que acreditar que o Evangelho é uma utopia e o seu autor um ilusionista!

Se a Igreja acha isso do Evangelho, apenas uma escritura, que fazemos nós e o próprio Papa? Se assim for, repito senhores cardeais, todos somos uns impostores.

O silêncio fizera-se sinistro entre todos, inclusive o Papa que não conseguia olhar de frente para o Cardeal S. Paulo.

Ninguém ousava quebrar aquele instante, pois qualquer voz que ali se levantasse para impugnar o assunto, seria certamente um embusteiro, tentando defender-se do óbvio.

Antes do término da reunião, o Papa Inocêncio III assina a tonsura de Francisco de Assis, que foi realizada pelo Cardeal S. Paulo, e a confirmação para ser legalizado o trabalho desenvolvido pela Ordem Religiosa Franciscana.

Com as boas notícias e agradecido ao Cardeal S. Paulo, Francisco despede-se e retorna a Assis. Mas o pobre de Assis junto aos seus aliados não quiseram aceitar nenhuma igreja para não ficarem submissos às ordens clericais, preferiram ter como local de oração uma simples cabana, pois Francisco primava pela pobreza e dizia que, para estar ligado ao

Bem, não se fazia necessário nenhum templo, pois este deveria estar em cada coração e em cada obra realizada em nome de Deus.

Sua chegada também foi de muita alegria a Frei Leão. Este cumprimentou-o após a narração, onde Francisco o colocou a par dos acontecimentos.

Em meio a conversação, Francisco comenta com Frei Leão sobre algo que há muito gostaria de ouvir a opinião do Frei pelo que o atormentava.

— Frei Leão, não sei por que há momentos em que me vejo no Oriente. Seria tentação, dizia, por ver-me entre criaturas sofridas que ouço gemer e pedir-me cura? Digo-lhe Frei, seria mesmo tentação da vaidade, pois parece-me ouvir a me chamarem de João Evangelista e mais ainda, sentir-me profetizando como sabemos que ele fazia quando caminhava, levando a palavra de Jesus, em Patmos, Jerusalém, Egeu e tantos outros lugares, tão sagrados por nós.

E nesse êxtase ou não sei o que acontece, vejo-me morando em Éfeso, na Ásia menor. E o que mais me emociona, vejo Maria de Nazaré vivendo ao meu lado. Ambos num intenso trabalho de assistência ao próximo. E parece-me ouvir Jesus dizer-me:

— Filho amado, eis aí sua Mãe.

E repentinamente abro os olhos e volto a realidade. Que diz-me, querido companheiro, que poderei fazer para sanar esse mal?

Frei Leão estava emocionado e, colocando as mãos sobre sua cabeça, exclama meigamente:

— Se você considera a isso de tentação a vaidade, digolhe que é abençoada, pois só o conclama a continuar na Obra Divina. Pois João o Evangelista fora o amado discípulo de Jesus. Hoje você é Francisco, mas ontem seu nome era João, O Evangelista.

Abraçaram-se ternamente e Francisco aquietou seu coração.

A Ordem Religiosa dos Franciscanos, embora muito pobre continuava a crescer. Grande número de pessoas procuravam pelos seus adeptos, mas para buscar a cura ou a ajuda espiritual com Francisco de Assis. A Ordem progredia, porque muitos se sentiam felizes em ver-lhes a pregação do Evangelista de Jesus, com alegria, transmitindo paz e ânimo.

E isso causava muito ciúme às outras ordens organizadas pelas igrejas locais ou dos arredores.

Essas igrejas ficavam dentro de uma proteção feita por muralhas, que serviam para defender os ricos e os poderosos de Assis e arredores, pelas constantes invasões das guerrilhas locais.

Francisco sabendo das dificuldades dos pobres, que não podiam freqüentar essas igrejas, construiu-as fora dessas muralhas.

Embora simples, pois era esse o propósito de Francisco, sendo essas construções basicamente de madeiras, recebia sempre a colaboração de um grande pintor da época, de nome Giotto, que, a pedido de Francisco, pintava o seu interior com os personagens e cenas bíblicas, pois dessa forma facilitava o entendimento da Bíblia para os que não sabiam ler e escrever. O principal para o “Pobre de Assis” era que o luxo não fizesse parte da “Casa de Deus”, pois assim os mais



pobrezinhos poderiam sentir-se como se estivessem em suas próprias casas, isto porque Jesus vivera sempre com o povo.

Francisco continuava com as suas pregações pelas igrejas da Itália e ia percorrendo o interior levando a mensagem de Paz e Fé exatamente como em suas reencarnações passadas.

E foi na igreja de S. Rufino, em Assis mesmo, pois já havia um bom tempo que ele ali não comparecia, que ele reviu Clara, a bela amiga de infância, filha de ricos comerciantes de Assis, pois a mãe de Clara era herdeira de muitas propriedades em Assis.

Por essa época, Clara estava com vinte anos, soubera por amigos que após longo tempo Francisco agora iria pregar na igreja do bairro.

Francisco falava calorosamente da vinda de Jesus a Terra, quando seu olhar cruzou-se com a bela menina loira de olhos azuis que o contemplava embevecida. Porém, Francisco libertava-se desses olhares tentadores projetando-se mais ainda nas passagens Evangélicas.

Ao término da missa, acompanhado por Frei Leão, aproximou-se de Clara. Esta tremia e pensava, implorando a Deus, que perdoasse seus pensamentos pecaminosos. Mas desde menina admirava Francisco.



Este, estendendo-lhe a mão, rindo numa alegria sadia, diz-lhe:

— Salve, nosso Mestre Jesus, por esse encontro entre irmãos que há muito não se viam! E abraça Clara que ficara sem palavras.

Constrangida, ela fala do contentamento em vê-lo e estende também sua mão a Frei Leão, que percebe o acanhamento da moça.

Sempre que lhe era possível, Clara acompanhava as pregações de Francisco. Porém, com o tempo pôde ela perceber que Francisco era uma pessoa diferente. Ele trazia algo sublime no olhar. Seus modos para com ela era o de um irmão mais velho, fazendo-a crer que a felicidade não reside na matéria.

Por vezes Francisco via-se tentado pela emoção do amor carnal, mas, em se vendo no trabalho beneficiando o semelhante, caía em preces.

Certa vez, num desses devaneios rogou a Jesus o afastasse das tentações e se algo ele pudesse fazer por Clara, que fosse para beneficiá-la, mostrando-lhe o caminho da Paz.

E aí nesse enlevo Espiritual, viu-se repleto de luzes tão fortes que mal podia abrir os olhos e uma voz lhe falou baixinho: “— Francisco, meu amado filho, nada tema. Clara precisa que você lhe abra os olhos para sua transformação. O amor que ela sente será repartido com o seu entre muitos necessitados de Luz. Vocês vieram ao mundo com missões especiais. Você, para conduzir os homens no caminho da paz redentora, e ela entre as mulheres, principalmente as que vagueiam sem rumo perdidas em ilusões. Leve-a consigo, em demanda da dor. Ela compreenderá o que fazer.”

Após o desaparecimento das luzes e da voz do mundo superior, Francisco vai em busca de Clara, para o encontro com os enfermos, principalmente no vale dos leprosos.

Aceitando o convite de Francisco, Clara desobedecendo

às ordens dos pais, pois esses não gostavam do desprendimento de Francisco e por ter ele abandonado seus pais, foi juntamente com ele e a Ordem Franciscana em busca de doações para os necessitados e visita aos enfermos. Seguiram para Rivotorto, onde havia um chamado “local”, destinado aos leprosos em abandono.

A chegada de Francisco e sua comitiva fora motivo de alegria para esses abandonados enfermos, não só pelas bênçãos esperadas, ditadas por Francisco, como a alimentação e remédios de que tanto precisavam.

Entre eles, Clara notou a revolta que um leproso demonstrava. Blasfemava contra o Cristo, enquanto Francisco fazia suas pregações ao redor dos chagados no leito de dor.

Clara, com carinho, procurava acalmá-lo. Pedia-lhe para confiar em Deus e, se fosse permitido, quem sabe ele obteria a cura. Porém, o homem olhando severamente para Clara, brada incontenti:

— Fala assim, porque a dor não é sua. Não é o seu corpo que dia-a-dia se transforma em feridas repugnantes. Não preciso de sua piedade e muito menos dessas palavras mentirosas, de que ficarei curado.

Ele ia continuar em sua irritação, quando Francisco aproximou-se e pegando-lhe fortemente as mãos falou firme:

— Meu amigo, por que essa revolta encontrada em seu coração? Sabe você que Deus está lhe oferecendo por misericórdia infinita a correção para seus graves erros passados. Nesse passado, talvez o mais recente, você fora um assassino frio e contumaz. E quando percebia que algum vestígio poderia vir a culpá-lo pelos crimes cometidos, você sempre apontava alguém que pagaria pelos seus erros. Você muitas vezes queimava os cadáveres para que tudo parecesse um acidente.

Portanto, meu filho, não blasfeme e sim ore para que os seus pecados sejam perdoados.

Profundamente abalado com essas revelações de Francisco, naturalmente ajudado pelo Alto para que o despertar acontecesse, o enfermo cai em prostração.

Francisco aproveitando esse minuto tão precioso, leva suas mãos ao coração do leproso, de suas mãos jorram gotas de orvalho perfumadas abrandando a dor moral do doente.

Passados alguns segundos, ele, em soluços, curva-se aos pés de Francisco pedindo perdão pelos erros cometidos.

Francisco com toda meiguice, levantando-o, exclama:

— Deus já o perdoou, meu filho, pois você se arrependeu. Consagre esse momento e creia-me: Deus lhe dará novas oportunidades, saiba aproveitá-las em outras experiências de vida.

Clara, que permanecia todo o tempo ao lado de Francisco, orava agradecendo ao Mestre por mais esse aprendizado divino que acabara de assistir.

Terminada a tarefa retornam todos para a continuação das lutas redentoras em favor dos semelhantes.

Certo dia, chegando com a caravana para um rápido repouso, Francisco recebe uma carta vinda das mãos de um enviado de Roma.

Curioso, reconhece o lacre simbolizando o selo Papal. Abre, célere, e reluta por ver a assinatura do próprio Papa Inocêncio III no final da missiva. Esta lhe pedia que com urgência rumasse ao Vaticano.

Ao contrário da primeira vez, Francisco estava sendo esperado e de imediato o levaram ao aposento do Papa.

Com toda humildade, Francisco ajoelha-se aos pés da cama e, olhando para o Sumo Pontífice, assusta-se por vê-lo tão enfermo.

O Papa pede-lhe que se aproxime mais, pois estava com dificuldades para vê-lo. O pobre de Assis acorre tomando as mãos de Inocêncio III, e beija-lhe o anel Papal.

Quase sem forças para falar, o Papa agarra-se a Francisco e, chorando copiosamente, assim lhe fala:

— Deus o abençoe, meu filho, mas primeiramente quero dizer-lhe do bem que me faz em tê-lo junto a mim. Deus está preservando-me esses instantes para rogar-lhe que ore comigo. Veja em que estado estou. Sei do quanto seu trabalho está produzindo indo ao socorro das almas desorientadas e aflitas, assim como eu. Por isso, rogo-lhe perdão, que em minha vaidade e prepotência achei-me superior a sua humilde presença. Esqueci-me de que Jesus também é simples e doou-se inteiramente para redimir nossos pecados. Só agora, Francisco, diante da morte é que reconheço minha desdita. Você sabe dos meus erros hediondos contra os pobres, sem me deter se eram crianças ou velhos, mas se não correspondiam às leis da “Igreja Santa”, eram remetidos à morte, numa sentença cruel, mas em me satisfazendo os caprichos desmedidos.

Se for da vontade de Deus, gostaria que suas mãos me curassem. Se assim não acontecer, estarei pronto a receber o castigo enviado por Deus, pagando todo o mal feito.

Enquanto o Papa confessava em seu desabafo todo seu arrependimento, Francisco desdobrava-se, para pedir em espírito a ajuda de Jesus, para aquela pobre alma atormentada.

A imagem de Francisco, nimbada de Luz, contrastava-se com o luxo daquele aposento. Espíritos em trevas que assediavam a figura do Papa cobriam os rostos que pareciam encher-se de ardor pela luz ofuscante, vindas das mãos do Pobre de Assis, erguidas ao Alto, pedindo paz àquela mente doente. Orando em transe mediúncio, fala ele ao coração de Inocêncio III.

“— Filho, procuremos a harmonia celestial desta hora. Deus não castiga a nenhum de seus filhos amados. Todos têm algo a realizar na Terra. Se você entende de seus pecados, procure saná-los de ora em diante com renúncia ao orgulho e à autoridade em nome de Deus.

Professe sua capacidade de conduzir os fiéis que, com fé, sigam os ensinamentos da Lei Moral do Amor entre os povos, sejam eles como forem, pois diante do Mestre Jesus, são todos irmãos. A desigualdade está na mente equivocada de cada um, que forma seu próprio Deus. Portanto, não ressalte os ídolos do barro e nem permita a idolatria ao Deus de ouro. Pregue o Amor e a Caridade, não em nome da Igreja, mas sim em nome do Cristo, filho de Deus, nosso Pai!”

Retornando a sua simplicidade, viu Francisco o Papa Inocêncio III, sentado em sua cama, soluçante e curado. As manchas que cobriam seu corpo desapareceram assim como a febre.

Francisco, feliz, ajuda o Sumo Pontífice a levantar-se e ir até a janela do aposento abençoar as criaturas que oravam junto ao coração de Francisco, para participarem da vida ou da morte do Papa.

Assim que sua figura ainda abatida apareceu a janela, o

povo aplaudiu, gritando glórias a Francisco de Assis!

O Pobre de Assis agradece juntando suas mãos ao Sumo Pontífice, louvando a Deus, pela cura do Papa Inocêncio III, que passou a ser mais humano em suas atitudes morais.

Francisco partiu no dia seguinte, saindo de Roma e indo à cidade de Óstia, para juntar-se aos companheiros da Ordem Franciscana, tendo a frente a irmã Clara, agora firme em seu propósito de fundar também uma Ordem composta de freiras, para continuarem o trabalho gigantesco de Francisco de Assis. E ali em Óstia foram erguidas novas igrejas para que os pobres tivessem acesso, pois estas eram simples naveas sem luxo e ostentações.

O tempo passava e Francisco sempre atento e ativo em seu trabalho.

Certa feita, estando com Frei Leão, dizia a este que pensava seriamente em rumar para Monte Alverne, situado nos arredores de Toscana, banhados pelos rios Arno e Tibre, onde a natureza caprichava pela beleza. Pássaros, flores silvestres, tranqüilidade, tudo proporcionando um relaxamento espiritual.

Francisco sentia o peso dos anos e com isso os desgastes físicos. Por isso a sua vontade em ir para Monte Alverne, para recuperar-se. Frei Leão achou a idéia muito boa e o entusiasmou a não tardar mais esse desejo. Na verdade Frei Leão andava preocupado com a saúde do Pobre de Assis e

sabia o quanto este amava a natureza e sabia o quanto Francisco sentia falta desse convívio, por falta de tempo. Mas sabia também que Francisco somente orava ao ar livre, pois dizia que os fluídos eram mais puros sem interferência dos pensamentos doentios da coletividade. Dessa forma procurava ele colaborar com as emanções divinas sobre a Terra.



O Natal estava próximo. Com esse acontecimento que sempre faz brilhar novas esperanças sobre a Terra, Francisco descia o Monte Alverne, para vir cantar nas igrejas ou às portas das casas da cidade de Toscana canções natalinas homenageando Jesus, juntamente com todos que o aguardavam ansiosamente para esses festejos.

Numa dessas noites foi ele procurado por um pai angustiado pela doença que repentinamente tomara conta de sua filhinha de cinco anos. Dizia ele que a pequena em estado febril falava uma língua estranha e logo após caía em convulsão.

De imediato, Francisco acompanhou-o a sua casa para ver do que se tratava.

A pequena, deitada em seu pequenino leito, estava febril.

Ao ver Francisco, levantou-se e muito debilitada disse:

— Que bom, que bom, o senhor chegou. É o meu Papai Noel.

Francisco aproximou-se da pequenina e tomando entre as suas as mãozinhas da pequena falou:

— Você estava à espera do Papai Noel? E o que você pretende dele? Você tem algum pedido especial e qual será?

A menina, abrindo um enorme sorriso, falou:

— Sim, quero que o senhor Papai Noel, traga Jesus no

meu quarto. Eu pedi ao meu pai, mas ele disse que Jesus está muito ocupado nesses dias perto do Natal, mas eu queria tanto que Ele viesse para que o papai pudesse fazer aqui no meu quarto um presépio que não precisaria ser grande, mas que eu pudesse ver Jesus menino, deitado na manjedoura. Eu sei disso porque o pai da minha amiguinha fez um presépio bem grande na sala da casa dela. Será que Jesus me atenderá?

Francisco e os que presenciavam a cena se emocionaram. E o Pobre de Assis levantou serenamente suas mãos ao Alto e orou profundamente. Repentinamente a criança arregalando os olhinhos gritou:

— Veja, Papai Noel, é Jesus e sua mãezinha sentados numa concha de Luz. Que lindo, Papai! E dizendo isso a menina caiu em prostração. Francisco recolhe-a em seus braços e fecha-lhe os olhinhos, que naturalmente se abririam para a espiritualidade.

Francisco procura acalmar e junto aos seus companheiros dar ao coração paterno o consolo daquela pequenina criatura que viera para dar um pouco de alegria àquele humilde lar. A doença da menina que parecera ao pai ser repentina, já estava em seu corpinho há muito tempo, era a febre tifóide, sem recursos médicos na época. Mas ficara a todos a doce recordação do belo Natal para a pequenina.

Francisco ficou pensativo quanto ao pedido da pequena Anete, antes de seu desencarne. Pensava ele na imaginação infantil, na alegria daqueles olhinhos em vê-lo como Papai Noel e principalmente sobre a idéia do Presépio e no grande significado que poderia ter sobre a presença de Jesus e seu nascimento na Terra.

Levando sua idéia aos companheiros da Ordem Franciscana e também contando com a colaboração da Ordem de Clara, fez Francisco o primeiro e grande Presépio aberto ao público, no pátio da Igreja de S. Damião no ano de 1223. Contou com a ajuda de Frei Leão, (uma das reencarnações de Eurípedes de Barsanulfo) que pediu junto ao clero que fossem concedidas imagens de tamanho maior para que fossem evidentes as mensagens dos reis magos e da “Estrela Guia”. A manjedoura fora trabalhada pelas mãos do pai da pequena Anete, como homenagem do seu coração para a vinda do Messias à Terra.

A saúde do Pobre de Assis mostrava-se precária. Muitas eram as chagas que apareciam em suas mãos, nos pés e suas costas sangravam assim como em sua testa, pois eram os mesmos locais das chagas abertas no corpo de Jesus a caminho do Calvário. Era o estigma se materializando no corpo de Francisco, pela sua fê ardente em Jesus.

Suas pernas já não obedeciam à vontade de caminhar ao encontro dos sofridos levando-lhes as bênçãos e curas. Mas atendendo a seu pedido fizeram uma maca de madeira forrada de capim, para poderem os freis da Ordem Franciscana transportá-lo, para que pudesse ele continuar sua tarefa de levar conforto onde fosse preciso.

Após anos, em sentindo não conseguir mais chegar aos lugares programados, para proferir sua pregação evangélica, pediu Francisco para que o levassem de volta a Assis. Sentia que sua hora estava para chegar. Gostaria de rever seu povo. A notícia espalhou-se de tal modo que quando Francisco chegou, a maca que o transportava ficou rodeada pela multidão que o aguardava.

Francisco ouviu as aclamações e seu nome ser dito em várias línguas, pois havia pessoas de todas as partes do mundo. Francisco, comovido, pediu silêncio e falou, saudando antes o Mestre Jesus.

Meus filhos, que Deus e Jesus os tenha em infinito amor. Não posso mais vê-los pelos olhos carnavais, pois a cegueira veio trazer-me a experiência daqueles que vagueiam nas sombras. Mas Jesus deu-me a oportunidade de continuar até aqui, pela luz do amor ao semelhante. Sinto a transmissão dos fluídos regeneradores e antes da minha partida para a pátria de origem, peço-lhes confiar em Jesus e se houver entre vocês aqueles que merecerem a cura pela fé, que sejam iluminados pelo poder do Pai Eterno e sejam curados. E das mãos de Francisco orvalhos se desprenderam, transformando aos poucos imensas nuvens que aromatizadas, caíam como chuviscos sobre a multidão. E ouviu-se gritos de leprosos, paralíticos e lunáticos mencionarem a cura física. Francisco, descendo as mãos, agradeceu e o cortejo acompanhou a maca, que levava o Pobre de Assis para o Mosteiro dos freis, onde Frei Leão aguardava ansiosamente.

Foi conduzido para sua cela, onde Francisco fora recolhido quando deixara a casa de seus pais.

O calendário marcava o dia três de outubro de 1226. O sol escondia-se no poente. Francisco ouvia o canto dos freis ao redor de seu leito e lá fora ouvia também o cantar dos

pássaros procurando o conforto de seus ninhos. Para Francisco era a glória da Natureza que tanto amara. O quarto repletou-se de luzes, os freis ajoelharam-se e Frei Leão, ao lado de Francisco, coloca-lhe o missal em suas mãos. Este, abrindo os braços, clama:

— Mestre, que devo fazer para merecer sua presença entre nós?

E Francisco ouviu dos lábios de Jesus:

— “Vem, filho amado, cumpreste teu caminho. Soubeste honrar o nome de nosso Pai Celestial. Vem, nossa Mãe Santíssima aqui está para envolvê-lo em seus braços para que te reconfortes e te refaças para o porvir.”

E Francisco, em lágrimas e nimbado de luz, seguiu amparado por Jesus, Maria de Nazaré e o coro angelical onde pôde ver o rostinho alegre e feliz da pequenina Anete, dizendo-lhes ao passar por ela:

— Obrigado, Papai Noel!

Profundamente emocionado e antes de se desprender dos laços dos envolvimentos terrenos, para seguir seu caminho ao lado de Jesus e de toda equipe superior, volta ele para olhar seu corpo e agradecê-lo pelo tempo em que seu espírito o envolveu e ele percebeu a presença de Clara, sua tão amada companheira de tarefas enobrecedoras. Viu quando ela respeitosa, beija-lhe a face e ora, para que embora haja cumprido sua missão, não a esquecesse e lhe desse todo apoio, para que as obras que ele, Francisco, desenvolvera não esmorecesse jamais, pois ela ali estaria enquanto vivesse na Terra.

Francisco, pedindo a permissão a Jesus, aproximou-se de Clara e nesse momento ele viu que ela sempre esteve ao seu lado, ajudando-o em todas as reencarnações, sendo seu braço forte e o amparando em todos os momentos, bons ou maus. Envolveu-a e deixou que suas lágrimas balsamizassem

aquele amado coração.

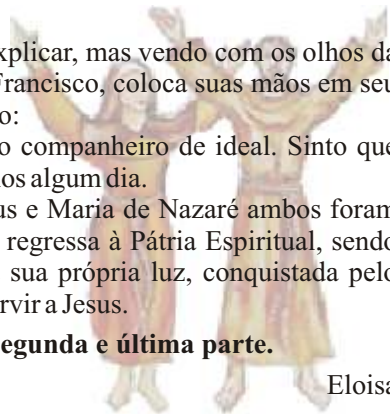
Clara, não sabendo explicar, mas vendo com os olhos da alma o rosto sereno de Francisco, coloca suas mãos em seu coração e lhe diz baixinho:

— Até breve, querido companheiro de ideal. Sinto que Jesus nos permitirá ver-nos algum dia.

E sob a ajuda de Jesus e Maria de Nazaré ambos foram abençoados e Francisco regressa à Pátria Espiritual, sendo iluminado também pela sua própria luz, conquistada pelo seu firme propósito de servir a Jesus.

Final da segunda e última parte.

Eloisa



Bibliografia

- Chico, Diálogos e Recordações - Carlos Alberto Braga Costa - Editora União Espírita Mineira - 1ª edição - 2006
- Reformador - FEB - Setembro de 1975
- Irmão Sol e Irmã Lua - Mensagem através de Roque Jacintho - Maio - 1965 (trecho)
- Francisco de Assis - João Nunes Maia / Miramez - Editora Espírita Cristã Fonte Viva - 9ª edição - 1994
- Maria de Nazaré (em espanhol) - Roque Jacintho - Luz no Lar - 1ª edição - 1994
- Imagens:
it.wikipedia.org
www.sanfrancescoassisi.org

Família



Convivência

O homem, desde que iniciou a sua marcha evolutiva, tem a necessidade de viver em coletividade.

Nos primórdios dos tempos, vivia em bandos, muito rústicos e selvagens ainda, mas o que predominava era a imposição pela força, ou seja, aquele que era mais forte era “respeitado”, restando aos outros, os mais fracos, a posição de subalternidade ou obediência imposta pelo medo e pelo instinto de sobrevivência.

Eram tempos em que o homem estava mais próximo do seu instinto animal.

Com o decorrer do tempo, o bando que fortalecia e protegia foi se agrupando em famílias, pois já germinava no espírito primitivo uma semente de evolução. Começam então as ligações entre os casais para a procriação e a defesa de suas crias. Usamos estes termos, pois estavam bem mais próximos de animais, como já dissemos.

Muito embora este agrupamento em família, continua a imposição pela força física, sendo que a vontade do macho mais forte deveria ser saciada sempre, sob o risco de que quem não o fizesse poderia ser morto.

O que se observa nesta fase é que as fêmeas, desde então, tinham por instinto a função de proteção das crias, seus filhos, alimentando-os e cercando dos cuidados necessários

à sua proteção e ensinando-os como agir melhor na vida.

Passados os milênios desde esta fase, hoje continuamos agrupados em família.

Em nossa organização social atual, o pai se reveste da figura de provedor material, ou seja, aquele que tem a função de dar casa, comida e roupa para todos através do seu trabalho.

A mãe, que desde o início foi a figura subalterna e obediente, espelha a figura do carinho, dos cuidados e da proteção.

Mas como as mudanças ocorrem desde os tempos das cavernas, atualmente vemos que os papéis às vezes são trocados.

Hoje em dia, a mulher não quer mais ficar somente no papel de mãe. Sai à procura da sua realização profissional, adquirindo mais respeito no mercado de trabalho e desenvolvendo aptidões como advogada, engenheira, médica, arquiteta, motorista de ônibus, juíza de futebol, entre outras.

O homem, que se vê cada dia mais ameaçado pelo avanço da mulher na disputa por vagas e cargos, dedica cada vez mais o seu tempo em cursos, projetos, mais horas de trabalho, mais empenho para alcançar metas estipuladas.

Neste quadro que se instalou, vemos que, não muito raro, marido e mulher travam uma disputa silenciosa, para ver quem é mais bem sucedido na sua área profissional.

Tudo isto gera um aperfeiçoamento das aptidões, tanto dos homens como das mulheres, tendo ambos mais conhecimento em diversas áreas.

Mas uma pergunta ficou parada no meio deste raciocínio: E a família? E os filhos?

Sim, porque nesta busca desenfreada por sucesso profissional/material, cada um coloca seus projetos como a coisa mais importante e todas as decisões da família devem girar visando ao seu melhor proveito. Trata-se do egoísmo e o orgulho revestidos sob o nome de progresso.

Os pais, por terem que dedicar o seu tempo às realizações profissionais, dedicam pequena parcela aos filhos e de uma maneira muito superficial, pois a mente está voltada para outros campos.

Nascem aí aqueles atos que precisam ser evitados, como presentes para “comprar” os filhos, distanciamento da vida dos filhos, desconhecimento da personalidade dos filhos, etc.

Por isso, para evitar que estes quadros avancem, o

VISITE NOSSO SITE
www.espiritismoeluz.org.br
Você poderá obter informações sobre o Espiritismo, encontrar matérias sobre a Doutrina e tirar dúvidas sobre Espiritismo por e-mail. Poderá também comprar livros espíritas e ler o Seareiro eletrônico.

Espiritismo ressalta o valor das relações familiares, lembrando que devemos conviver e não apenas vivermos juntos.

É conviver não é apenas passear no shopping uma vez por semana, fazendo todos os gostos dos filhos. Conviver é perguntar como foi o dia e ouvir com paciência, é verificar com quem anda o adolescente e, às vezes, proibi-lo de fazer algo, é ser autoritário quando precise, mas sempre com doçura, é olhar para o marido/esposa e enxergar nele/nela o companheiro, com tudo o que esta palavra possa significar.

Por que não participamos (casais e filhos) de uma religião?

Mas não somente ir uma vez por semana para ouvir algo e sim se enquadrar em alguma atividade. Aulas, cursos, visitas para caridade promovidas pelo grupo, tudo isso aproxima as

pessoas.

E o Evangelho no Lar? Por que não reunirmos a família para ler os ensinamentos de Jesus e ensiná-los aos mais jovens? Isto era muito comum em tempos passados e surtia um bom efeito, principalmente para a mente dos mais jovens que cresciam com as noções de amor a Deus e respeito ao próximo.

Que possamos continuar evoluindo, perdendo cada vez mais o nosso instinto animal, adquirindo conhecimento e elevando os nossos sentimentos, chegando um dia a adquirirmos o verdadeiro Amor, que é o máximo dos sentimentos.

Que Deus, Jesus e os bons Espíritos nos auxiliem na construção de laços de Amor que nos liguem aos nossos familiares.

Wilson

Terceira Idade

TERCEIRA IDADE

Dever Cumprido

O que parecia ser uma tranqüilidade por ter cumprido o seu dever de pai ou de mãe, torna-se uma grande dor, pois tendo chegado a Terceira Idade, vendo os filhos constituírem também a sua família, logo pensam, que muito breve presenciarão a chegada dos bisnetos.

Será que tudo isso não passa de um sonho?

É na Terceira idade que muitos são abandonados nos asilos e isso quando não são obrigados a saírem pelas ruas em busca de alimentos para o seu próprio sustento. Pois muitos filhos dizem que não têm nenhuma obrigação de sustentar os velhos inválidos e assim ficam no esquecimento todo trabalho e dedicação que os pais tiveram quando os filhos ainda eram crianças.

Será que filhos que pensam assim acreditam que o tempo só passa para os pais e que eles vão ficar estacionados numa idade madura, e que nunca vão chegar à Terceira Idade?

Nossos idosos precisam ser respeitados por todos, porque querendo ou não todos nós também vamos chegar à Terceira Idade.

É que Deus, na sua infinita misericórdia, nos dá essa

oportunidade para que possamos aprender a ver a vida longa como aprendizado.

Se todos olhassem a pessoa na Terceira Idade como alguém que tem experiência de vida, suas grandes histórias poderiam servir de exemplo para a sociedade que está perdida sem saber ao certo o que fazer com as crianças e jovens, que, olhando em sua volta, não encontram uma fé viva que possam lhe conduzir ao bem.

Aos que estão na Terceira Idade hoje não desanimem, porque nosso Pai Maior (Deus) não desampara nenhum dos seus filhos e, seja qual for a situação em que se encontrem, não vejam isso como um abandono.

Se olharmos a nossa volta, vamos perceber o quanto podemos fazer em benefício do nosso próximo, porque na maioria das vezes se encontram em situação bem mais difícil que a nossa. E nosso Pai Maior conta com a nossa boa vontade, com o nosso coração bondoso, não importa a idade que temos, um minuto é o que precisamos para pensar e mudar nossas atitudes, sempre visando ao trabalho no campo do bem, ou seja, à nossa elevação espiritual, e o melhor caminho é o trabalho na Seara do Cristo. E o momento é agora.

Geni

Sonhos

SONHOS

É possível a visão espiritual sem a sã completa?

Existem muitas passagens relevantes em que podemos citar alguns sonhos, por exemplo, no Evangelho, o sonho ou estado de sonolência em que José vê o Espírito que lhe comunica sobre o nascimento do filho primogênito, que seria o Salvador, Jesus Cristo; no livro "Há Dois Mil anos" Públio Lentulus sonha com a encarnação anterior e a relata com detalhes ao amigo Flaminio, mesmo sem entender o que ocorre; Chico Xavier conheceu Humberto de Campos (Irmão X) em sonho e, mesmo ele, não conseguia lembrar de tudo

após acordar.

Muitas vezes há a comunicação de Espíritos Elevados, de forma direta, a fim de anunciar um fato, intuir o ouvinte para boas resoluções ou esclarecê-lo. Houve situações que podemos considerar especiais, em que a Espiritualidade aproveitou o desprendimento momentâneo do espírito para levar a mensagem Divina.

Conosco, não se passa diferente. Estamos em constante contato com a Espiritualidade durante o desprendimento

físico, ainda que parcialmente.

Basta adormecer nossos sentidos físicos, para que possamos, libertos da carne, ver e ouvir o que os Espíritos querem nos dizer ou mostrar.

Isto é o que explica o porquê de pronunciarmos palavras ou frases quando estamos apenas levemente dormentes, que apresentam-se sem nexos no contexto em que vivemos por não serem fruto de nosso raciocínio. Podemos repetir por tê-las ouvido do lado espiritual e, ainda semi-adormecidos, ouviremos o próprio som sair de nossos lábios. Pode acontecer, também, de ainda não completamente adormecidos e já de olhos fechados, vermos claramente imagens em que distingamos e observemos todos os detalhes.

Há pessoas, por exemplo, que ao acordar, não conseguem despertar de imediato e daí, entre a sonolência e o acordar, podem ver ou ouvir o que se passa pelo lado espiritual. Como ainda não estamos dormindo, realiza-se no corpo apenas um torpor, por isso passageiro e o nosso espírito, que se libertou e pôde ver e ouvir claramente, logo retorna à matéria física. Se houvesse o sono propriamente dito, haveria de fato o sonho.

O que não devemos esquecer é que as companhias

dependem de nós. Ouviremos e veremos sempre dentro da faixa a qual estivermos ligados mentalmente e a conexão deve ser vigiada por nós durante as 24 horas do dia, não apenas no momento de repouso.

Sabemos que estamos longe da perfeição, mas, se não nos fosse possível alcançar o aperfeiçoamento, por que a Espiritualidade superior teria o empenho de trazer para a humanidade palavras de regeneração, consolo e diretrizes ao nosso aprimoramento? Como por exemplo esta, que nos receita o caminho para os bons encontros, seja num quase ou total adormecimento da matéria:

"O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei da justiça, do amor e da caridade na sua maior pureza. Se interroga a sua própria consciência sobre seus próprios atos, ele se pergunta se não violou essa lei, se não fez o mal, se fez todo o bem que podia, se deixou escapar por vontade própria alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem do que se queixar dele, enfim, se ele fez aos outros tudo o que queria que os outros fizessem por ele." (Capítulo XVII - Sêde Perfeitos, item 3 - O Homem de Bem, do livro "O Evangelho Segundo o Espiritismo" - tradução Roque Jacintho, editora Luz no Lar)

Rosângela

Kardec em Estudo

KARDEC EM ESTUDO

Os Espíritos durante os combates

O Livro dos Espíritos - Capítulo IX - Intervenção dos espíritos no mundo corporal

Questão 541 - Durante uma batalha há Espíritos que assistem e sustentam cada lado? — Sim, e que estimulam a coragem de ambos os lados. Os antigos representavam os deuses tomando partido por este ou aquele povo. Esses deuses eram simplesmente Espíritos representados sob figuras alegóricas.

No capítulo "Da intervenção dos espíritos no mundo corporal", vamos abordar particularmente a atuação espiritual dentro dos campos de batalha.

Assim como em toda a nossa existência o pensamento se liga a faixa que por nós foi conduzido, também o mesmo ocorre, naturalmente, nas guerras. E, por conseqüência, o homem atrai aqueles espíritos que se afinarem à conduta procedida.

Em se tratando de guerra, já podemos deduzir o quanto o assédio das trevas se faz presente, inflamando e incentivando as mentes humanas perturbadas. Alguns alegando justiça, outros, pela soberania e poder, e, alguns, simplesmente pelo intuito guerrilheiro que ainda conservam dentro de si.

Em contra-partida, lembremos que temos sempre o amparo do Maior. A luz está entre nós mesmo nestes momentos, porque Deus nunca nos abandona. Nós é que nos afastamos Dele. Os espíritos trabalhadores do Bem se unem em fervorosas preces e envolvem aqueles infelizes em combate para que possam sentir a semente de Amor dentro de seus corações e voltar seus pensamentos ao Alto, ainda que por segundos, lembrando que somos todos irmãos.

Comandos de mentes inteligentes, mas sem elevação moral, que em um campo de batalha se deixam levar por intuições de espíritos que se comprazem nas matanças dos seus inimigos, podem levar nações à destruição. Mas, sempre a lembrar que a atuação dos espíritos vai depender da

nossa inclinação. Temos o livre-arbítrio e escolhemos o nosso caminho. Não podemos culpar a falta de nossos atos por indução dos espíritos.

Os bons espíritos nunca incentivam a guerra. Diante dessa situação, sua missão é apaziguar, reconfortar, orar pelas almas dos combatentes e intuí-los com os mais altos propósitos da moral cristã.

Aproveitando este contexto, podemos fazer uma analogia. Da mesma forma que os espíritos desencarnados assistem e amparam os exércitos durante os combates e influenciam de forma positiva ou negativa de acordo com o nível moral, nós também, espíritos encarnados que somos, influenciamos os nossos semelhantes, emanando energias através do pensamento que emitimos. Portanto, vigiemos os nossos pensamentos para que possamos vibrar positivamente àqueles que sabemos se encontrar em situação de equívocos e desvios, evitando críticas e julgamentos, independente da distância em que estejam, haja vista as notícias que temos do mundo pelos telejornais.

Assim, certamente estaremos contribuindo com o plano espiritual para que a criatura equivocada não seja envolvida por mais vibrações negativas, além das que se encontra e sim por boas fluidificações, no intuito de seu pronto equilíbrio e restabelecimento em harmonia com as forças do Cristo.

Rosângela

Material Consultado: O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
Tradução Guillon Robeiro - FEB - 84ª edição



Linha 200

Francisco Cândido Xavier / Emmanuel
Editora CEU
104 páginas

Somam-se 414 os livros editados com mensagens psicografadas pelo nosso querido médium Francisco Cândido Xavier.

Este mês comentaremos o livro "Linha 200".

Ditado pelo Espírito de Emmanuel, teve a sua primeira edição em 1981, ano em que o médium já percorria 50 anos de mediunidade e este era o 200º

livro lançado através dele.

Nas palavras do Espírito de Emmanuel, "este é um livro simples", mas o leitor atento vai encontrar uma riqueza imensa nas mensagens nele contidas.

Consolo ao coração sofrido, ânimo para a tristeza, esperança para o futuro e soerguimento da fé, são alguns dos

resultados que emanam da leitura deste livro.

Cada uma das mensagens trazem conhecimento e esperança que parecem dirigidas às nossas necessidades do momento, tal como na intitulada "Serve e caminha", que diz: "Em teu próprio lugar de trabalho, se prossegues doando à vida o melhor de ti mesmo, guarda a certeza de que todos os teus problemas serão solucionados e dissolvidos, nos arquivos do tempo, pela Onipresente Misericórdia de Deus."

"Linha 200" é um livro que traz textos como o acima transcrito, que nos oferecem farto material de reflexão, mesclado a trechos de extrema simplicidade como "quanto mais amplo o amor, mais sol no caminho", mas que nos leva igualmente a pensar em nossa maneira de viver.

Citando novamente o autor espiritual desta obra, "em doutrina Espírita a questão é de caminho". Este livro ajuda acender luz ao nosso caminho para que a nossa caminhada possa ser mais segura.

Wilson

Tema Livre

TEMA LIVRE

Evangelização Infantil - dificuldades

Quando vemos grandes trabalhos realizados e que nos foram deixados de modelo por espíritos pioneiros que estiveram, ou ainda estão, entre nós com suas experiências, perguntamos: Como conseguiram, qual a fórmula para sustentar tantas barreiras?

De início já temos uma resposta que o Espiritismo nos traz e se torna de uma certa forma clara: Não existem grandes obras que não tenham começado por pequenas atitudes. É claro, pelo menos as que se sustentam fortemente, vencendo as barreiras do tempo e suas dificuldades.

Ao mesmo tempo já caímos em um erro, que por sua vez, tem sido um dos maiores entraves para a evolução da humanidade: esperarmos e querermos sempre participar de "grandes obras".

Sem desmerecermos suas importâncias, esquecemos muitas vezes que estas tiveram um começo, têm um andamento e suas dificuldades sempre existiram. Porém, existem ainda, principalmente, por pensarmos desta maneira! Mas o que importa se são grandes ou pequenas obras?

Diante da justiça de Deus qualquer obra se torna gigantesca quando realizada com amor, dedicação, seriedade e responsabilidade. A verdadeira Caridade não se

importa com o tamanho e sim com o empenho e exemplos.

Quando vemos um trabalho em desenvolvimento temos a oportunidade de aprender com todas as dificuldades. Passo a passo o trabalho vai se multiplicando e nossa responsabilidade vai crescendo. Este se torna uma escola de vida num roteiro a seguir.

Ao lado desta grande oportunidade, a Caridade, temos a possibilidade de abrimos os olhos para "nossas" imperfeições e corrigi-las.

E dentro deste todo vem uma parte da resposta que procuramos inicialmente, um dos pontos principais para o crescimento de todas as boas ações, a União entre um grupo de amigos. O

companheirismo, o respeito e a capacidade de desenvolvermos diante de nossos melindres.

Mais do que nunca, vem como uma prova em realização contínua. Dificuldades serão criadas, barreiras serão impostas e situações que venham em confronto com nosso orgulho, vaidade, além de tantas outras imperfeições...

Que saibamos superar todas as dificuldades, pensando sempre no interesse final da tarefa: Ajudar a todas estas crianças que participam conosco a terem a oportunidade de um futuro mais promissor, pois, sabemos que no Evangelho estão contidas todas as lições e respostas para a vida.

Marcelo

Natal de Luz

Que Jesus esteja convosco!

O Natal, representação da vinda da Luz do Mais Alto às esferas terrenas, traz o verdadeiro espírito natalino. Este espírito que nada tem a ver com as satisfações físicas, com o saciar de desejos gastronômicos e excessos de toda natureza. O espírito do Natal nos traz ensinamentos que muitas vezes não conseguimos alcançar.

Neste dia, não deveríamos estar voltados a levar ao nosso próximo o amparo, seja material ou espiritual, aliviando suas dores, lembrando Simão, que carregou a cruz para o Mestre?

O próprio Mestre não nos ensinou que a quem amparássemos, estaríamos amparando a Ele próprio?

Por que então, neste dia que comemoramos o seu nascimento - o nascimento da Luz Redentora que ilumina e liberta os corações que se encontram no lodaçal das paixões e dos vícios -, nos voltamos às satisfações pessoais, esquecendo o verdadeiro sentido natalino, que o Mestre nos trouxe?

Estamos há séculos repetindo nossos erros, e ajustando os ensinamentos do Cristo às nossas próprias conveniências.

Já não seria hora de despertarmos para o verdadeiro sentido da nossa existência? Como filhos do Criador, não devemos buscar entender para que viemos? Como irmãos que somos perante o Pai Celestial, não devemos amparar a todos que se encontram equivocados perante a vida?

Quantos erros e quanto tempo perdido!

A humanidade deverá resgatar tantas iniquidades e tantos equívocos.

Por isso, deveremos em toda a nossa existência e em todos os campos de atuação, auxiliar nosso próximo, e levar até eles tudo o que nos foi proporcionado até o momento.

No campo profissional, por exemplo, por que não nos esforçamos para levar a nossa experiência às criaturas que não tiveram as mesmas oportunidades que nós?

O nosso sucesso profissional está vinculado ao sucesso de todos que nos cercam na atividade.

Ao tratarmos dos Recursos Humanos, deveremos lembrar que quando estivermos atuando sem interesse próprio, egoístico, com certeza estaremos recebendo os Recursos Divinos necessários para o bom desempenho da

tarefa.

Quão árdua é a tarefa de levar às outras criaturas a Luz Divina em nossos atos! Mas, também, quanto somos agraciados pela Misericórdia Divina, quando conseguimos levar ao menos uma faísca luminosa do Mais Alto, a quem se encontra nas trevas da dor e da desilusão.

Em todos os momentos da nossa vida, devemos ter o **Cristo como guia de nossos atos e pensamentos**, para que não cometamos erros os quais teremos que amargurar junto à nossa própria consciência.

Na família, no ambiente profissional, junto a companheiros e amigos, busquemos estar prontos a auxiliá-los, esquecendo um pouco de nós mesmos, já que, se fizermos uma verdadeira auto-análise, no íntimo do nosso ser, perceberemos o quanto recebemos, e que deveremos repartir com o nosso próximo este cabedal de experiências, por menor que este possa ser.

Amparemos, portanto, a todos os que sofrem, sem questionar suas razões, pois com toda certeza, já fomos socorridos por outrem, ou ainda poderemos ser, sem que sejam questionados os nossos desvios.

O Natal estará presente assim, em todos os dias do Ano. O dia de hoje é apenas um marco, mas a nossa existência tem de ser repleta de sentimentos natalinos, atitudes verdadeiramente cristãs.

Busquemos refletir em nossos interior, e corrigir nossas imperfeições, mas com o trabalho edificante de amor ao próximo é que conseguiremos nos libertar dos elos inferiores que nos prendem, para que não nos tornemos autor de obras mortas.

Que neste Natal possamos despertar para uma nova etapa, onde encontraremos o Mestre em todos os que sofrem, e estarmos preparados e vigilantes, para auxiliá-lo em todos os instantes.

Muita Paz em seu coração.

A amizade sincera é a que consegue exteriorizar seu verdadeiro interior, sem que haja necessidade de mascará-lo.

Que o ano de 2007 seja repleto de muita Luz e de muito sucesso!!!

Roberto Patrício

Verdades Pessoais

Quase todos temos verdades pessoais.

Princípios há que, sedimentados em nós ao longo de inúmeras romagens reencarnatórias, formam uma segunda natureza, um padrão condicionado de pensar e de reagir.

Raros os que não julgam saber tudo.

Mais raros, ainda, os que não possuem uma certeza íntima de que somos capazes de tudo solucionar, de realizar sempre com mais perfeição que os outros. São hábitos mentais cristalizados.

Na área do Cristianismo, em todas as suas províncias de fé, essa presunção de que somos mais hábeis que os demais companheiros sempre tomou a configuração de excesso de zelo.

Ela inspira seitas, dentro dos agrupamentos.

Leva amigos a verem-se quais inimigos.

Provoca o nascimento de rivalidades injustificáveis diante da sublimidade do Evangelho.

E o Evangelho, então, recebe todos os respingos da lama

que trazemos dentro de nós.

À sombra desses impulsos inatos, que permitimos nos comandem, programas regeneradores já foram postergados e inúmeras almas que chegavam para o trabalho experimentaram desencanto.

Quase sempre descuramos de deveres fundamentais, protelando obrigações inadiáveis, por nos absorvermos em metrificar a conduta de outros obreiros que foram conduzidos a outros setores do Espiritismo, movidos pelo desejo de ocupar a sua posição, de dispor de seu cargo, a fim de imprimirmos nosso colorido particularíssimo às atividades que eles desempenham.

É a sementeira das tricas.

Razão teve Kardec quando, em O Evangelho Segundo o Espiritismo, consagrou para a Doutrina a máxima: "Fora da Caridade não há salvação". O mestre lionês ponderou com ampla visão que: "Fora da Verdade não há salvação" era conceito extemporâneo, porque todos nos julgamos donos da verdade.

As verdades pessoais são joio na seara.

Diante dos quadros de conflitos surdos ou de intrigas e ciumadas, com sabor dos conventículos romanos, que sempre poderemos acrescentar, para mais amplo descortino, que não é válida, de forma alguma, em termos de Espiritismo, a máxima: "Fora de minha verdade, não há Doutrina e nem movimento espírita".

Devemos fidelidade ao Cristo.

Vale, portanto, o esforço de ajustarmo-nos a seu programa de redenção da Humanidade. Longe estejamos de tentar, mais uma vez, ajustar Jesus a nossos propósitos por maior seja nossa boa vontade.

Não contender é questão de bom senso.

Não há bom combate quando não se está voltado apenas para frear nossos impulsos de domínio, nossos pruridos mal disfarçados de vaidade, nossa ânsia nebulosa de

prestígio. Não há bom combate quando se investe contra outros seareiros, sob alegação de zelo, de eficiência pessoal, de mais larga visão da doutrina.

Só o amor, expressão imaterial da caridade, é sinete o que revela, silenciosamente, os discípulos do Mestre: "Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão se tiverdes amor uns aos outros." (João, 13:34 e 35)

Estultícia malquerer companheiros por amor à Doutrina!

Não haverá respeito à Doutrina, que é benção de Jesus às criaturas que lutam contra si mesmas, se não nos amamos uns aos outros.

Se, por conseguinte, estivermos, nalguma hora, traduzindo o novo mandamento de Jesus com a forma: "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se murmurardes e atirardes pedras uns nos outros", impõe-se uma imediata reconsideração dos conceitos de nossas verdades, a fim de que não nos sufoquemos com as manifestações do personalismo anticristão.

Roque Jacintho

Clube do Livro Espírita "Joaquim Alves (Jô)"



Informe-se através:
Caixa Postal 42 - CEP 09910-970
Diadema - SP
(11) 4044-5889 (com Eloísa)
E-mail:
contato@espiritismoeluz.org.br
www.espiritismoeluz.org.br

Receba mensalmente obras selecionadas
de conformidade com os ensinamentos
espíritas.

Contos

CONTOS

Lição de Vida

Lia era uma menina muito esperta e de um coração generoso.

Ajudava a todas as amiguinhas com as lições da escola caso tivessem dificuldades.

Havia entre elas, uma menina chamada Alice que era muito arredia. Por mais que Lia quisesse, não conseguia fazê-la juntar-se ao grupo de amiguinhas da mesma idade.

Durante o período de aulas, dentro da classe, Alice preferia sentar-se bem longe de todas, na última carteira da sala.

A professora, dona Adélia, por diversas vezes chamava-lhe a atenção, pois lhe parecia que essa aluna era dispersiva, desatenta.

Um dia durante o recreio, Lia aproximou-se da menina e meigamente lhe falou:

— Olá, será que poderíamos conversar um pouco? Tenho tanta vontade de ser sua amiga, vejo-a tão isolada, tão tristonha! Será que estarei sendo indiscreta se tentar ajudá-

la?

Alice, um tanto surpresa, respondeu com um gesto afirmativo sem abrir a boca e baixando a cabeça rapidamente, sem olhar para o rosto de Lia.

Esta persistia:

— Você não gosta de falar, por quê?

A garota notando a insistência de Lia, resolveu falar:

— Tenho vergonha que descubram meu defeito, sou deficiente.

Lia assombrada, procurou com os olhos para ver sobre o que a amiga falava, pois não conseguira descobrir nada até então.

Alice, levantando-se, puxa pela manga da blusa que cobria seu braço e Lia pôde ver uma prótese até a mão em lugar do braço e mão natural do corpo.

Superando o impacto, pois Lia jamais prestara atenção no que via, disse-lhe:

— O que tem? Por que a vergonha? Veja como Deus foi

generoso, dando a oportunidade de refazer seu braço, sua mão, com a tecnologia avançada, que só mesmo porque você mostrou é que eu pude entender onde estava sua deficiência!

Alice, com voz tristonha, replica:

— Você diz isso porque o mal não está em você. Esse acontecimento foi por um atropelamento que sofri há tempos atrás, quando passeava de bicicleta. Fui atropelada por um carro e atirada longe, sofrendo a perda do braço inteiro. Sofri várias cirurgias até chegar nessas próteses de braço e mão. Ainda tenho dificuldade de adaptação, por isso, não gosto que me vejam tentando a escrita. Esse é o motivo de esconder-me, evitando que percebam meu aleijão.

— Que bobagem Alice, diz Lia meigamente. Lógico que não posso saber qual seria meu comportamento diante da dor que você passa. Mas, sabe, minha amiga, o Evangelho de Jesus nos dá força. Ele nos ensina a superar os momentos amargos da nossa reencarnação. Não conseguimos entender ainda os processos que Deus usa para nos fazer frear os impulsos, que muitas vezes nos desviam do caminho certo.

Alice com os olhos pregados em Lia, querendo entender o que ela falava exclama:

— Nossa! Onde você aprendeu tudo isso? Afinal, creio que temos a mesma idade e nunca ouvi nada disso, apesar que pouco sei sobre religião.

— Está vendo minha amiga, diz Lia, meus pais são espíritas. Desde pequena ouço falar de Deus e de seu filho. E

saiba que a religião é muito importante em nossa vida. Se você estivesse na Doutrina estudando os problemas reencarnatórios, diante de todos estes acontecimentos que vivenciou, você não estaria guardando essa mágoa em seu coração.

Alice ponderou muito nas palavras que ouvira de Lia. E ansiosa pergunta-lhe:

— Será que eu poderei ir com você até a casa de seus pais, para que eles me ensinem o mesmo que você aprendeu?

— Claro, amiga, responde Lia satisfeita, não só você irá participar do Evangelho que fazemos todas as segundas-feiras, em nossa casa, como poderemos levá-la ao Centro Espírita, que freqüentamos todas as noites em que os estudos doutrinários se fazem através dos livros básicos de Allan Kardec.

Alice pela primeira vez sentiu-se amparada. Aproximou-se de Lia e, abraçando-a, redargüiu:

— Obrigada, realmente você me trouxe paz. Estou sentindo que uma luz parece brilhar em meu cérebro, pois pelo pouco que ouvi você falar com tanta convicção em Deus, encheu-me o coração de esperanças.

Despediram-se e Lia entrou em classe com muita alegria interior, pois além de ganhar mais uma amizade, presentia que Alice sairia de sua introspecção e preconceito. Pois assim que passasse a estudar o Evangelho, sentiria mais a Centelha Divina em seu coração.

Eloisa

Banca de Livros Espíritas “Joaquim Alves (Jô)”

Livros básicos da Doutrina Espírita.

Temos os 414 livros psicografados por Chico Xavier, romances de diversos autores, revistas e jornais espíritas. Distribuição permanente de edificantes mensagens.

Praça Presidente Castelo Branco
Centro - Diadema - SP
Telefone (11) 4043-4500 com Roberto
Horário de funcionamento: 8 às 19h30
Segunda-feira à Sábado



Clube do Livro

CLUBE DO LIVRO

*Gilvanize Balbino Pereira, pelos
espíritos Ferdinando e Tiago
Editora Lachâtre
264 páginas*

Lágrimas do Sol

No mês de setembro, os associados do Clube do Livro recebem o romance mediúnico psicografado por Gilvanize Balbino Pereira que, conforme consta na obra, doou todos os direitos para uma instituição filantrópica.

Através dos espíritos de Ferdinando e Tiago, é relatada a época histórica da Santa Inquisição na Espanha, quando da atuação dos reis Fernando de Aragão e Isabel, no final do século XV.

Neste livro temos a visão espiritual de como esses acontecimentos históricos, retratados em muitas outras obras, na visão terrena dos homens, se desenvolveram, o porquê de tanto sofrimento, causas e consequências que vão além daquelas que podemos enxergar.

Em uma época em que se matava impunemente, em nome da religião, enviados escolhidos pelo próprio Cristo vieram ao planeta Terra, para auxílio ao refazimento de suas idéias e doutrina, na sua verdadeira essência. Os mesmos enviados que já haviam sido perseguidos em existências remotas e continuariam a ser caçados por aqueles que se

diziam defensores da fé cristã.

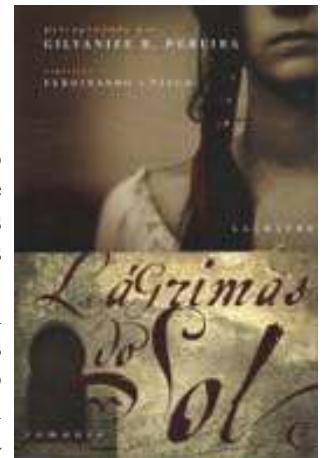
Para prova tão árdua só mesmo Espíritos Elevados, que levam a palavra e os exemplos de Jesus e se mantêm íntegros na fé.

O espírito Ferdinando em seu "Breve Relato", nas notas prefaciais do livro, explica o título dizendo que o Sol representaria Deus em sua grandeza e generosidade e as Lágrimas, o que ora transcrevemos:

"As lágrimas são as que foram derramadas pelos emissários celestiais, quando se depararam com a necessidade de refazimento da proposta original do Cristo e, sobretudo, aquelas choradas pelos réus da inquisição..."

Para lermos e refletirmos.

Marcelo e Rosangela



O Esposo da Pobreza

Francisco de Assis, um dia,
Assim que deixara a orgia
No castelo,
Entregou-se à Natureza,
A uma vida de aspereza
Num canto doce e singelo.
Abandonara a vaidade,
Buscando a paz da humildade,
A santa luz da harmonia;
E nas horas de repouso,
Francisco em estranho gozo
A voz de Jesus ouvia:

— “Filho meu, faze-te esposo
Da pobreza desvalida,
Emprega toda a tua vida
Na doce faina do bem.
Francisco, ouve, ninguém
Vai aos Céus sem a bondade,
Que é a grande felicidade
De todos os corações.

Esquece as imperfeições! ...
Vai, conforta os desgraçados,
Sedentos e esfomeados,
Flagelados pela dor.
Quem alivia e consola,
Recebe também a esmola
Das luzes do meu amor!”

Francisco chorava e ria,
E em divinal alegria
Via os lírios e os jasmims,
Que não fiam, que não tecem,
Com roupagens que parecem

Sem dúvida alguma Francisco de Assis foi mais um dos espíritos iluminados a trazer luz sobre a Terra.

Despojado de todos os bens terrenos pela sua própria vontade, num despertar chamado por ouvir a natureza, deuse conta de que algo mais haveria, além do luxo e da riqueza.

Embalado pelo contato dos pássaros, ouviu o chamado de Jesus.

Entendeu que a simplicidade ornada pela Caridade é que o faria feliz. Jesus fora assim humilde e repleto de riquezas.

Comparava os ensinamentos cristãos saudando as plantas e as flores que na Terra representam os bens da Natureza.

E em retornando o verdadeiro sentido da vida, compreendeu que para conhecer a felicidade, era preciso sentir a dor do semelhante, levar o estímulo de uma vida em

Vestidos de Serafins;
As aves que não trabalham
E no entanto se agasalham,
Nos celeiros da fartura,
Saltando de galho em galho,
Buscando a graça do orvalho,
Bênção do Céu, doce e pura.

Via a terra enverdecida
Exaltando a força e a vida,
A seiva misteriosa
No seio dos vegetais,
E a ânsia cariciosa
Das almas dos animais.

E sobretudo, inda via,
A sacrossanta harmonia
Do coração sofredor,
Que não tendo amor nem luz,
Tem tesouros de esplendor
No terno amor de Jesus.

Francisco de Assis, então,
Submerso o coração
Em sublimes alegrias,
Entregou-se às harmonias
Vibrantes da Natureza,
Tornou-se o amparo da dor
E guiado pelo amor
Fez-se o Esposo da Pobreza...

Júlio Diniz

Psicografia de Francisco Cândido Xavier pelo espírito de Júlio Diniz - Livro “Parnaso de Além-Túmulo” - FEB

harmonia com Deus, para que o mundo interior de cada um pudesse ser feito não de dor e amargura, mas sim de paz, para fluir num refrigério de Amor.

Francisco de Assis reformulou conceitos católicos, fez com que o alto Clero entendesse que era preciso que a Igreja fosse aberta tanto para o rico como para o pobre, pois o mais importante era fazer valer a fé cristã.

Vencendo todas as vicitudes, tornou-se o Pai de todos os aflitos, a cura para os doentes e o orientados, como a estrela guia que levava os pastores ao encontro de Jesus, no dia de seu nascimento.

Não foi ele apenas o esposo da pobreza, mas sim o enviado pelo Cristo, o seu discípulo amado.

Francisco, o Pobre de Assis e rico de Amor.

Elielce

Pintura: Luciana Teruz

Núcleo de Estudos Espíritas “Amor e Esperança”

Reuniões: 2ª, 4ª e 5ª às 20 horas
3ª e 6ª às 15 horas
Domingo às 10 horas

Evangelização Infantil: ocorre em conjunto às reuniões

Tratamento Espiritual: 2ª às 19h45
4ª às 19h45
6ª às 14h45

Rua das Turmalinas, 56

Artesanato: Sábado das 9 às 16 horas

Jardim Donini - Diadema - SP

Atendimento às Gestantes: 2ª às 15 horas



Órgão divulgador do Núcleo de Estudos Espíritas "Amor e Esperança"
Caixa Postal 42
Diadema - SP
09910-970

Destinatário

IMPRESSO